

**A TEMPESTADE QUE
SE APROXIMA**

Amostra

A TEMPESTADE QUE SE APROXIMA

Poder, Conflitos e os Sinais
Ignorados da História

Odd Arne Westad



ALTA/CULT
EDITORA
Rio de Janeiro, 2026

A Tempestade Que Se Aproxima

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Alta Cult é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2026, Odd Arne Westad

ISBN: 978-85-508-2985-2

Translated from the original *The Coming Storm* © 2026, Odd Arne Westad. ISBN 9781250410283. All rights reserved.

Published by arrangement with Macmillan Publishing Group, LLC. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W527a
Westad, Odd Arne
A Tempestade Que Se Aproxima: Poder, Conflitos e os
Sinais Ignorados da História / Odd Arne Westad. – Rio de
Janeiro : Alta Books, 2026.
196 p.; 16 x 23 cm.

Título original: *The Coming Storm: Power, Conflict and
Warnings from History*
ISBN 978-85-508-2985-2

1. Política Internacional. 2. Relações Internacionais
3. Guerra – Causas. 4. Geopolítica. 5. Política
mundial – Século XXI. I. Título.

CDD – 327.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Política Internacional e tópicos específicos – 327.1

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: J. A. Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Produtor Editorial: Tentáculos Editorial

Revisão: Rafael Surgek



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



alta
cult

ASSOCIADO



Aos meus alunos do Programa
de Grande Estratégia em Yale

Amostra

Sumário

Introdução	1
1. A Ascensão das Grandes Potências	11
2. Medos e Ressentimentos	53
3. Causas da Guerra	105
Conclusão	155
Agradecimentos	169
Sobre o Autor	171
Notas	173

Amostra

Introdução

Advertências da História

Perto de Thiepval, um pequeno vilarejo francês na Picardia com cerca de cem habitantes, ergue-se um dos memoriais mais comoventes aos milhões de mortos na Primeira Guerra Mundial.

Com mais de cinquenta metros de altura, o monumento se eleva acima das margens do rio Ancre, um afluente do Somme. Em suas paredes estão homenageados mais de 72 mil soldados britânicos ainda desaparecidos dos cemitérios de guerra que pontilham a paisagem do vale do Somme, 72 mil pessoas cujos corpos jamais foram identificados após a carnificina.

Os mortos britânicos desaparecidos representam apenas uma pequena parcela dos que foram mortos na Batalha do Somme¹ durante a Primeira Guerra Mundial. De julho a novembro de 1916, houve aqui mais de 1 milhão de baixas. Pessoas vindas de todas as partes do mundo: alemães, franceses, britânicos, canadenses, australianos, indianos, africanos, árabes, chineses. Somente no primeiro dia da batalha, 1º de julho de 1916, houve quase 70 mil baixas. Muitos corpos jamais foram recuperados. A dez minutos Thiepval, do outro lado da rodovia que leva à hoje próspera cidade fronteiriça francesa de Amiens, fica o cemitério de guerra alemão de Fricourt. Entre suas cruzes pretas estão os túmulos de 17 mil soldados alemães — apenas uma fração dos 160 mil alemães que morreram aqui.

Números de baixas como esses podem facilmente nos dessensibilizar. Mas por trás de cada número há uma pessoa, um destino, geralmente o de um jovem que nem chegou a viver sua vida. Entre os túmulos² ao longo do Somme estão os de cinco jovens que, por acaso, compartilham o nome Alfred Webb. Todos tinham entre 21 e 23 anos quando morreram, em julho ou agosto de 1916. Vinham da Inglaterra, de Cheshire, Essex, Manchester. Um era um imigrante recente em Fremantle, no oeste da Austrália, de onde foi enviado de volta à Europa para morrer no Somme em 7 de agosto de 1916, seu primeiro dia de batalha. Alfred Louis Webb, da 48ª Infantaria Australiana, com 23 anos, está enterrado em Puchevilliers, entre outros 2 mil: operários metalúrgicos, moleiros, agricultores, motoristas, cientistas, escritores.

Ao olhar do rio para o alto da colina onde se ergue o monumento de Thiepval, ele pode dar ao observador moderno a impressão de grandes blocos de Lego, encaixados às pressas e deixados naquela forma quando a brincadeira acabou. Lembra algo inadvertido, até mesmo aleatório. O memorial aos desaparecidos do Somme traz à mente a guerra na qual esses jovens morreram e como ela surgiu por meio de um conjunto de decisões interligadas tomadas por homens muito mais velhos, longe do campo de batalha, algumas das quais foram acidentais ou até confusas. Foi assim que os blocos se encaixaram quando o tempo se esgotou e o mundo entrou em guerra em 1914.

A Primeira Guerra Mundial³ foi um dos maiores desastres da história humana. Houve cerca de 40 milhões de baixas no total, militares e civis. Os que sobreviveram muitas vezes ficaram mutilados para o resto da vida, no corpo e no espírito. Para muitos deles, o mundo havia se tornado um lugar terrível, mesmo que seus nomes não tenham sido acrescentados aos monumentos de guerra. Além da destruição física, a Grande Guerra, como era então conhecida, destruiu um mundo no qual muitos acreditavam no progresso e no avanço gradual e o substituiu por um mundo cínico e desesperado, em que nações e ideologias eram inimigas naturais e necessárias. Por sua vez, os danos causados pela Primeira Guerra Mundial ajudaram a produzir a Segunda e a Guerra Fria que se seguiu. “A guerra para acabar com todas as guerras”, como alguns

de seus protagonistas a chamaram, precisou de pelo menos três gerações para que o sofrimento nela enraizado começasse a cicatrizar.

Este é um livro sobre a questão mais importante do nosso tempo, a questão da guerra ou da paz. Hoje, menos de meio por cento da população mundial vivenciou uma guerra entre Grandes Potências. E, embora muitos outros tenham sofrido as consequências devastadoras de outros tipos de conflito, a maioria das pessoas em idade adulta atualmente cresceu em mundos relativamente estáveis, presididos por uma ou duas Superpotências. Esses mundos não eram pacíficos, mas eram, em certa medida, previsíveis.

Nosso mundo atual está se tornando mais complexo e mais incerto. Estamos entrando em uma fase em que múltiplas Grandes Potências disputam a supremacia dentro de regiões e em áreas da atividade humana como tecnologia nuclear, inteligência artificial ou exploração espacial. O comércio, que vinha se tornando mais livre por duas gerações, quase retornando ao nível em que estava antes do início da Primeira Guerra Mundial, está cada vez mais restrito e frágil, e guerras comerciais estão eclodindo entre as principais potências.

Este mundo é diferente de tudo o que qualquer um de nós já experimentou em nossas vidas. Mas ele se parece bastante com o mundo de mais de cem anos atrás, do fim do século XIX até 1914. Naquela época também tínhamos um mundo de muitas Grandes Potências que entravam em choque umas com as outras e buscavam dominar seus entornos. O nacionalismo e o populismo estavam em ascensão, e muitas pessoas sentiam que a globalização da época não havia funcionado para elas. O protecionismo e as tarifas aumentaram, e um número crescente de pessoas culpava os cidadãos de outros países por seus problemas. Imigração e terrorismo estavam entre as grandes questões. Líderes em toda parte temiam uma ação militar, mas ainda assim se preparavam para o conflito de maneiras que praticamente garantiam que, se as hostilidades eclodissem na Europa, as Grandes Potências se envolveriam.

Aquele mundo terminou em uma guerra cataclísmica, a que tirou a vida de Alfred Louis Webb e de tantos outros. Com sociedades inteiras destruídas, os efeitos da Primeira Guerra Mundial fizeram o conflito reacender repetidas vezes depois que os quatro anos de combates

terminaram. O desenvolvimento econômico global foi atrasado em décadas. Mas o pior foi o sofrimento humano. A enfermeira britânica Vera Brittain⁴ desejava que aqueles que haviam decidido pela guerra pudessem ver as vítimas do gás mostarda, “queimadas... por todo o corpo com grandes bolhas, com os olhos cegos... todas pegajosas e grudadas umas às outras, e sempre lutando para respirar, com vozes reduzidas a um sussurro, dizendo que suas gargantas estavam se fechando e que sabiam que iam sufocar”.

A guerra, em todas as suas formas, é algo terrível. Mas as guerras entre Grandes Potências são mais destrutivas do que as demais por causa de sua intensidade e escala, pelas armas utilizadas e por sua tendência a se espalhar. Uma guerra entre Grandes Potências hoje faria todas as outras guerras atuais parecerem insignificantes em comparação, mesmo que as armas definitivas de destruição em massa não fossem usadas. Milhões morreriam. O desenvolvimento humano seria atrasado em uma geração, e nossos filhos passariam a vida tentando juntar novamente os pedaços do progresso. Se há lições na história, este é o momento de levá-las a sério, para que não acabemos em outra guerra entre Grandes Potências por causa das combinações fatais de chauvinismo, medo, fatalismo e pura estupidez que desencadearam a primeira grande guerra do século XX.

Hoje, o que está em jogo é muito alto, e os conflitos são reais. Um grande número de pessoas que vivem nas Grandes Potências acredita que aqueles que vivem em outras Grandes Potências, ou pelo menos seus líderes, estão querendo prejudicá-las. Dois em cada cinco norte-americanos⁵ disseram que é provável que os Estados Unidos entrem em guerra com a China nos próximos cinco anos. Na China, onde dados confiáveis de opinião pública são escassos, alunos costumam me perguntar quando acredito que uma guerra em larga escala entre China e Estados Unidos irá eclodir. Dois terços dos russos⁶ acreditam que a guerra na Ucrânia é uma “luta civilizacional” de vida ou morte contra o Ocidente, e aproximadamente a mesma porcentagem de indianos tem uma visão desfavorável ou muito desfavorável da China. Na Europa,⁷ impressionantes três quartos dos alemães e franceses veem a China de maneira desfavorável.

Esses números são muito mais altos do que o nível de suspeita mútua que existia antes da Primeira Guerra Mundial. Se uma das lições mais duradouras daquela guerra é a rapidez com que até níveis relativamente moderados de ressentimento generalizado podem ajudar a produzir uma catástrofe global, então as opiniões populares de hoje dão motivos reais para alarme. Embora seja verdade que a opinião pública oscila e que posicionamentos gerais nunca, por si só, produzem guerras, há conflitos estruturais e políticos suficientes entre as Grandes Potências hoje para tornar uma guerra de grandes proporções um cenário provável. E é justamente nos tipos de crise em que a guerra ameaça que as opiniões da população, e o impacto que exercem sobre a política interna, podem desempenhar um papel muito significativo na determinação do desfecho.

Assim como no mundo anterior a 1914, nacionalismos de vários tipos desempenham um papel cada vez maior na política atual. Da busca de Xi Jinping por restaurar a glória da China, às tentativas de Vladimir Putin de criar um novo império russo, até a ascensão de atitudes populistas antiestrangeiras nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na Alemanha e na França, visões negativas sobre os outros sustentam muitos dos conflitos do mundo contemporâneo. É fácil perceber como tais sentimentos tornam uma grande guerra mais possível, porque tornam mais difícil até mesmo para os líderes políticos mais sensatos alertar contra os efeitos do conflito internacional. Em tais circunstâncias, poucos dos que estão no poder querem arriscar suas próprias carreiras políticas ao aliviar tensões com outros países. O consenso bipartidário nos Estados Unidos em favor de confrontar a China é um exemplo. Outro é a forma como as elites políticas russas e chinesas, e alguns nos Estados Unidos, alinham-se a agendas autoritárias que muitos reconhecem, em privado, que podem levar ao desastre.

Outra semelhança assustadora entre o mundo de hoje e o período anterior a 1914 é a fusão das queixas que as Grandes Potências têm umas contra as outras. Isso é particularmente verdadeiro no relacionamento entre Estados Unidos e China, mas pode ser observado em outros lugares também. Tanto em Pequim quanto em Washington, tudo o que um dos países faz é tratado como prova de suas intenções agressivas contra

o outro, desde postura estratégica, políticas navais, alianças e amizades, até política comercial e tecnologia. Quase ninguém nas duas capitais está tentando desagregar algumas dessas questões e, assim, tornar as tensões mais administráveis. Essas fusões de diferentes fontes de ressentimento estiveram entre as principais causas da guerra em 1914.

Durante a maior parte da Guerra Fria, armas nucleares e outras armas de destruição em massa foram, de maneira paradoxal, consideradas como fatores de estabilidade ou até de preservação da paz. A ameaça de destruição mútua assegurada era central para evitar a guerra, argumentavam muitos especialistas. O mesmo argumento foi feito antes de 1914, mas então em relação a armas químicas, encouraçados, artilharia de longo alcance e aeronaves. Em um mundo mais complexo, com um número cada vez maior de potências nucleares, há muitos motivos para temer que a ameaça de guerra nuclear não tenha o mesmo efeito dissuasório que teve em um mundo bipolar da Guerra Fria. O exemplo de 1914 mostra que as armas de destruição em massa daquela época não foram razão suficiente para que as Grandes Potências evitassem a guerra. Meu receio é que, nas circunstâncias atuais, a ameaça de destruição nuclear, que pode ter contribuído para manter a paz entre Grandes Potências em um mundo bipolar, já não exerça um poder de dissuasão absoluto.

A maior parte deste livro dedica-se a explicar aos leitores por que uma guerra entre Grandes Potências é possível e como ela pode eclodir. O objetivo é alertar contra desenvolvimentos que tornariam tal guerra mais provável e ajudar aqueles que leem o livro a formar seus próprios julgamentos e escolhas. O método consiste em aprender com a história e entrelaçar uma análise dos assuntos internacionais atuais com lições do passado, especialmente do período anterior à Primeira Guerra Mundial, uma era que, em muitos aspectos, é notavelmente semelhante à nossa. O foco está nas Grandes Potências, não apenas porque foram elas que produziram a guerra em 1914, mas porque nosso mundo hoje está se tornando muito rapidamente uma constelação cada vez mais multipolar e complexa de poderes distintos competindo entre si, uma era de competição entre Grandes Potências, como a primeira administração do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a denominou.

Como um todo, o livro apresenta um argumento em favor da busca de compromissos entre Grandes Potências — não concordância, não convergência, não equivalência moral, mas negociações provisórias ao menos sobre algumas das questões que hoje estão tornando os conflitos mais intensos. Foram esses compromissos que o mundo do início do século XX não conseguiu produzir, e sua ausência tornou a guerra entre Grandes Potências muito mais provável. A alegação de que somos inerentemente mais capazes de chegar a entendimentos hoje do que éramos naquela época não parece se sustentar. Tivemos 80 anos de uma paz entre Grandes Potências, por vezes instável, desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Mas o século XIX também foi, em grande parte, pacífico na Europa e, ainda assim, produziu uma guerra devastadora em 1914. Em assuntos estratégicos, como nas finanças, desempenho passado não é garantia de resultados futuros. Se quisermos evitar a guerra, precisamos nos preparar para saber como evitá-la.

Tal preparação terá de assumir muitas formas. Uma delas é ao menos compromissos temporários em questões perigosas de soberania ou território, como entre a República Popular da China (RPC) e Taiwan, ou entre a Índia e a RPC, ou no Mar do Sul da China. Outra é encerrar guerras em curso, como na Ucrânia e na Palestina. Uma terceira é não sufocar o comércio global por meio de tarifas e embargos. Uma quarta é limitar corridas armamentistas em tecnologias sensíveis. Uma quinta é cooperar onde a cooperação for possível, como em questões climáticas, pandemias e exploração espacial. Há muitas outras. Mas, no momento, não estamos nos movendo em direção a tais compromissos. Ao contrário, estamos nos afastando cada vez mais deles.

Também precisamos reconhecer que comportamento e retórica são elementos essenciais da paz. A guerra chegou no verão de 1914 por causa do medo abrangente que havia tomado conta de muitos líderes das Grandes Potências, à procura de sinais de que seriam atacados. Grande parte desse medo, que se mostrou tão paralisante nos esforços para impedir a guerra, baseava-se no que líderes rivais haviam dito no passado, publicamente e em privado, e no que acreditavam saber sobre os planos de guerra dos outros. Paciência e até garantias, elementos que muitas vezes são centrais para evitar a eclosão de um conflito, não tinham

lugar em tal cenário. Hoje precisamos nos preparar para fazer melhor. A alternativa, que também devemos encarar, é uma guerra em uma escala que a vasta maioria de nós jamais vivenciou.

O livro é composto por três partes interligadas. A primeira parte explica como o mundo multipolar que vemos surgir hoje foi criado e como ele se compara aos assuntos internacionais do passado. Ela se concentrará na ascensão da China e nas ideias sobre o lugar do país no mundo que essa ascensão gerou. Mostrará por que a China passou de um país pobre e atrasado para a potência global que é hoje, como o Partido Comunista Chinês conseguiu manter sua ditadura e como seus líderes pensam sobre o futuro. Mas também delineará a evolução de outras Grandes Potências — os Estados Unidos, a Índia, a Rússia e o Brasil — e sua comparação com as potências do início do século XX.

A segunda parte trata dos temores que a ascensão de outras potências,⁸ e especialmente da China, gerou em outros lugares, sobretudo nos Estados Unidos. Embora ainda seja a potência global mais importante, os Estados Unidos atravessam um período de agitação política e social e um profundo medo de declínio. As políticas americanas, portanto, tornaram-se muito mais imprevisíveis, o que por si só contribui para as novas complexidades de uma ordem multipolar emergente. Assim como a Grã-Bretanha antes de 1914, os Estados Unidos hoje estão profundamente incertos quanto ao seu papel no mundo e inseguros quanto à sua ordem doméstica e imperial. Sua abordagem dos assuntos globais, e a abordagem de seus aliados europeus e japoneses, será tão significativa quanto a de seus desafiantes internacionais nas questões de guerra e paz.

A terceira parte discute a maneira como a Primeira Guerra Mundial eclodiu e a compara com possíveis pontos de ignição para um conflito entre Grandes Potências, de Taiwan, Coreia e o Mar do Sul da China, aos Himalaias, à Ucrânia e ao Oriente Médio. Tentando aprender com a situação do início do século XX, examinaremos cada uma dessas áreas de crise e discutiremos como as Grandes Potências podem evitar conflito em torno delas. Quais são os elementos-chave nessas regiões que podem levar a guerras mais amplas, e quais são os cenários prováveis para conflitos

futuros? Quais são hoje os maiores riscos de uma guerra entre Grandes Potências à luz das lições de um século atrás?

Ao final, o argumento em favor da paz entre Grandes Potências é o que pode nos salvar do desastre. A conclusão apresentará um caso abrangente em defesa da paz por meio de compromissos seletivos, dissuasão eficaz e uma reflexão profunda sobre os motivos de todas as partes envolvidas. Ela se concentra em propostas específicas que os líderes das Grandes Potências, agora e no futuro, precisarão considerar se quiserem evitar a guerra.

Amostra

Amostra

A Ascensão das Grandes Potências

Ao longo da última década, o mundo assistiu a uma mudança dramática no poder internacional, afastando-se da hegemonia dos Estados Unidos e caminhando em direção a um mundo multipolar. A transformação tecnológica da China, o desafio aberto da Rússia e a assertividade estratégica da Índia são apenas os primeiros sinais dessa nova ordem global. Outras potências certamente seguirão o mesmo caminho, buscando maior autonomia em política externa e predominância regional. Os Estados Unidos são hoje e continuarão sendo a Grande Potência mais poderosa, ao menos no que diz respeito às capacidades militares. Mas seu poder relativo está sendo rapidamente corroído, de dentro e de fora, e sua capacidade de determinar o rumo dos assuntos internacionais já está muito diminuída. O mundo futuro será menos centrado nos Estados Unidos e mais em constelações de Grandes Potências, bilateralmente, dentro de alianças e pseudoalianças, bem como em arranjos multilaterais.

O sistema que vemos nascer hoje é mais semelhante ao mundo pré-1914 do que a qualquer outro que tenhamos visto desde então. O período entre guerras, de 1918 ao final da década de 1930, foi excessivamente dominado pelo desequilíbrio econômico e por ideologias odiosas oriundas de uma guerra global recente para servir

de paralelo ao nosso próprio tempo. A Guerra Fria foi excessivamente bipolar, demasiadamente dividida em esferas rigidamente separadas para funcionar bem como espelho, embora existam legados importantes que conectam aquela era muito contemporânea à nossa. O período do final do século XIX ao início do século XX, com seu longo período de paz entre Grandes Potências, sua hegemonia britânica em declínio, sua multiplicidade de potências rivais, sua economia em processo de globalização e suas novas formas de imperialismo, nacionalismo e racismo, não é idêntico ao nosso tempo, mas apresenta fortes semelhanças com ele. Possui poderosas semelhanças estruturais, assim como nas decisões que desafiaram líderes políticos que tentavam manobrar em águas desconhecidas. Embora não seja uma imagem espelhada, é um refletor útil, cujas iluminações podem nos ajudar a pensar os desafios cruciais do nosso próprio tempo.

O século XIX surgiu de uma era anterior de intensas guerras e confrontos entre Grandes Potências, que culminaram durante a era napoleônica e suas guerras globais por volta de 1800. Mas, por quase um século após Waterloo e 1815, a agressão das principais potências foi direcionada para fora, contra povos nos impérios ultramarinos que desejavam estabelecer, em vez de umas contra as outras. Certamente não foi uma era dourada de paz. Mas, um pouco como a Guerra Fria, foi em geral desprovida de guerras prolongadas e de grande escala diretamente entre os principais Estados, do tipo que havia sido comum nos séculos anteriores e que voltaria a ocorrer depois. Embora houvesse exceções, especialmente por volta da metade do século XIX, quando as Grandes Potências europeias tentaram reajustar suas relações mútuas por meio da guerra e a Alemanha surgiu como um Estado mais unificado, o século XIX testemunhou uma notável estabilidade nas relações entre Grandes Potências, que sustentou a relativa ausência de grandes guerras. O número total de mortos¹ em batalhas entre Grandes Potências nos 100 anos entre 1815 e 1914 é menor do que o número de baixas no Somme no verão de 1916.

Embora nos lembremos de como tudo terminou entre 1914 e 1918, no Somme, em Ypres e em Chemin des Dames, devemos, portanto, também nos perguntar por que a relativa paz entre Grandes Potências foi